

Portugal é país onde se escreve pouco e onde se lê muitíssimo menos. Primeiro, porque o livro resulta caro. Temos nível económico extremamente baixo, a vida é difícil, os recursos poucos, e as economias furtadas ao aprezigo, à indumentária e ao abrigo mal chegam ao desopilar de humores no retempêro corpório a que, até por instinto, a higiene nos obriga. Junta-se a esta restrita capacidade de compra certo alheamento pelas coisas do espírito, pouco ou nenhum preparo mental para receber com deleite as vibrações que a cultura alheia nos transmite através a escrita—e facilmente se conclue da tremenda dificuldade que a publicidade encontra em tal ambiente.

Depois, mesmo caro, o livro é, em geral, espalhafatoso e berante mas de lamentável recheio. E eis um ponto sobre o qual, por grande que fôsse o meu desejo de me exprimir com meias-tintas, não posso calar a verdade, amarga por sinal, dizendo sem rodeios que são poucos, pouquíssimos, os livros da hora que passa capazes de nos proporcionar proveitosa leitura e algum agrado. E' lamentável a falta de escrúpulo, mesmo de inteligência, que preside à gestação da quasi totalidade dos livros que pejam os escaparates. Obras valiosas, capazes de divulgarem o que cientificamente se obtem pelo mundo, dia-a-dia, espalhando conhecimentos novos ou refundindo e refrescando temas consabidos, quasi não há—e o pouco que há é tão incompleto, grosseiro e mal acabado que em nada iludida quem fôr amigo de aprender ou tenha necessidade de colher elementos novos para fins utilitários. E' preciso importar tudo, drenando para além-fronteiras precioso numerário que nos falta. Quanto às obras de feição puramente literária, são, em geral, como nozes sem miolo: não defendem uma tése, não tem elevação, não assentam em princípios, o entrecho é vago, o enredo nulo, a trama simplista ou desconexa, o assunto velho e relho, e o estilo rebuscado de tal geito que chega a não se entender, muitas das vezes, o que aquillo signifique. E, a pretexto de renovar, perpetram-se absurdos tais que os autores deveriam ser considerados criminosos de lesa-arte. Chegamos ao ponto de ver autores modernos que se esbofiam a mandar traduzir produções de fancaria como se de obras de génio se tratasse; verdadeira miséria de snobs que só serve para

intercâmbio

LUSO-BRASILEIRO

por ALBERTO LIMA

mostrar na estranja a pobreza intelectual que por cá vai. Apadrinhados pela critica bajulante e camarada da grande imprensa, foram lançados no mercado das letras com o réclamo pomposo que o mercieiro usa para o chouriço; o indígena enguliu, mesmo sem ler, e ei-los ai vão, cheios de empáfia, caminho da nossa Academia.

Ora, quando falamos de *intercâmbio luso-brasileiro* e de *aproximação* e algo tentarmos no *capitulo livro*, deveremos atender ao saneamento, à reacção que urge encetar-se com todo o rigôr para que a nossa produção literária comece a passar pelo crivo do bom-senso; devemos, entre nós, difundir conhecimentos de modo a elevar a grande massa da indiferença em que mergulha, para que possa lêr, além do que produzimos digno de ser lido, aquillo que, em bom português, o Brasil moderno nos oferece como susceptível de meditação e de leitura; devemos aperfeiçoar o trabalho gráfico, barateando o livro, para que este se apresente acessível, mesmo aos menos abastados—o que equivaleria a criar possibilidades de bom mercado na América do Sul—como, até certo ponto, já acontece com a Africa—onde o nível económico é relativamente elevado e o hábito—digo, a necessidade—de ler e de aprender, é tão imperioso como o uso do café da tarde.

No Brasil, a pujança da terra corresponde a plenitude fisiológica do ser, criado livremente e em plena abundância. O dinheiro chega para o supérfluo. Os hábitos são sádios e enérgicos, hábitos inspirados em trabalho tenaz que não oblitera nem o tempo, nem os recursos por inteliro.

A vida social, é intensa. O convívio entre homens de muitas raças, constante. As belezas naturais são tantas e as facilidades de vida de tal ordem que os ócios de fim-de-tarde apeteem ser levados numa espreguiçadeira, pelos recantos ensombrados, junto das baunilhaes em flor, a meditar e a lêr.

O livro brasileiro, é barato; barato e apresentável, flagrante, cheio de côr, em bom papel e com belas capas, impresso legivelmente. E, também com toda a sinceridade, é preciso que se diga que o intelectual brasileiro attingiu tal grau de maturidade e esforça-se a tal ponto por apresentar trabalho bom, que nenhum português culto pode hoje ignorar a actual literatura brasileira, sob pena de lapso grave e que assaz o prejudica.

Logo, dentro deste quadro, com alguns milhões de leitores habituais, servindo uma população ávida de conhecimentos, o homem de letras brasileiro dispõe de magnífico mercado para os seus livros, capaz de corresponder com larga cópia de benesses ao seu dispêndio de sacrificios e de boa-vontade—o que lhe permite voar, de cada vez mais alto.

Não está na nossa alçada corrigir o que, de há muito, peca por deficiente e defeituoso—nem a isso nos propomos. Isto é, apenas pequeno feixe de reparos. Mas não ficará mal lembrar, aos que algo podem tentar nesse sentido, que, realisando produção de escol e digna de publicidade, barateando o livro e aperfeiçoando-lhe a parte gráfica, há muitos recursos de que lançar mão para estreita aproximação neste vasto campo.

Impõe-se-nos trabalhar, fundando centros académicos entre os escolares dos dois sexos, aqui e no Brasil, com o estímulo de concursos, prémios e viagens, levando a fraternizar estreitamente os académicos dos dois países, a corresponderem-se, a conhecerem-se, a actuarem de acôrdo em muitos pontos de interesse e de gravidade em que presentemente se ignoram ou se acham dissociados. A questão ortográfica é um desses pontos. A prosódia, o linguaajar, são outros